

A CIDADE E SEUS FLUXOS: ARTES E CULTURA NA EDUCAÇÃO ESPECIAL

Aparecido José Cirillo
josecirillo@hotmail.com
CNPQ/FAPES/Universidade Federal do Espírito Santo

Maria Regina Rodrigues
mregina.r@uol.com.br
FAPES/Universidade Federal do Espírito Santo

Rosa da Penha Ferreira da Costa
rosapenha2004@ig.com.br
PPGA/Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo

Este trabalho é o relato de atividade formativa com professores da educação especial no Espírito Santo, num programa de formação continuada em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo. Compreendendo que para que o professor possa atuar de modo significativo ele deve vivenciar processos de criação próprios, essa proposição metodológica tem como objetivo interagir o conceito de lugar em suas múltiplas dimensões: o lugar do “eu”, da identidade, a eco-identidade; o lugar da casa, do eu-grupo, eu biosocial; e o lugar da cidade, do coletivo, do social, da esfera da cultura e de seus fluxos na cidade.

Palavras-chave: Formação de professores; educação especial; arte e cultura; cidade

Abstract

This work reports activities with teachers of special education at Espírito Santo, Brazil, It's part of a continue education program in partnership with the Federal University. Understanding that teachers learning is a personal experience the propose deal with a methodological and vivencial program whose objective are interact and works with the concept of space in their multiple dimensions: the place of the me and my identity, eco-identity; the place of de group; and yhe coletive place of house and its immertion in the space of cities.

Keywords: Teaching learning; Special education; art and culture, city

Introdução

A formação de profissionais do ensino da arte requer não só uma titulação e qualificação de qualidade, mas a continuidade dessa formação para além da graduação e, principalmente, ao longo da prática profissional. Deste modo, pode-se criar um ambiente mais favorável ao compartilhamento de experiências e à atualização para a prática docente. Para tanto, é necessário que o profissional estava vinculado sempre a atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, buscando desenvolver atividades teóricas e práticas que dinamizem seu cotidiano escolar e sua formação continuada, qualificando ainda mais para a atuação na rede de ensino ou em equipamentos culturais.

Neste sentido, é inegável o crescimento do uso das metodologias e tecnologias por parte de escolas e dos professores em busca de práticas inovadoras que possam tornar o trabalho diário mais significativo. Fazendo parte desse cenário, estamos aplicando a metodologia de trabalhar com Projetos de Aprendizagem da Arte e Cultura, uma prática baseada na construção do conhecimento a partir da experiência e da cultura pessoal e suas interfaces com os espaços coletivos da cidade, entendida como um organismo em rede.

É nesse contexto metodológico que desenvolvemos uma ação formativa com professores da educação especial – um grupo formado por educadores ligados à coordenação da Regional Espírito Santo da APAE.

Uma metodologia auto-diretiva: o corpo, a casa e a cidade

Nosso trabalho é desenvolvido com educadores das APAE's no Espírito Santo, dando continuidade ao trabalho de formação continuada iniciado em 2007. Assim, organizamos o trabalho em seis momentos ao longo do segundo semestre do ano letivo de 2008.

Antes de iniciarmos o relato dessa experiência é necessário evidenciar qual é a formação teórica que sustenta a prática pedagógica nesses anos de atuação como professores de arte. Como dissidente de uma escola tradicional onde a concepção é embasada na teoria empirista/instrucionista, ou seja, de transmissão de conhecimento, o conteúdo desenvolvido é determinado pelo professor, pois é esse quem tem o poder de “ensinar” e, ao aluno, resta simplesmente receber o conhecimento pronto. Na caminhada em direção à necessidade de superar essa concepção pedagógica, buscamos outras teorias que explicam aprendizagem, ou que se colocasse como uma alternativa mais significativa da relação ensino-aprendizagem.

Estendemos esses professores – agora alunos – como atores de um processo de subjetivação que dialoga consigo, com o outro e com o contexto sócio-cultural do entorno. Buscamos assim, desenvolver um procedimento colaborativo, que parte da realidade e história de cada indivíduo para construirmos o próprio procedimento de aprendizagem da sala de aula. Com isto, esperávamos poder mostrar para esses profissionais que uma prática pedagógica centrada na aprendizagem significativa deve partir da história de cada um, da compreensão de si como agente da própria ação no mundo sensível.

Na apropriação da metodologia, tivemos a oportunidade de refletir sobre a teoria que embasa sua aplicação, a aprendizagem centrada na pessoa de Karl Rogers, compreendendo que o papel do professor é outro, não mais fundamentado no paradigma empirista/instrucionista onde tudo é determinado por ele. Nesse formato proposto a eles, os alunos/professores, é o próprio construir-se como sujeito no mundo que constitui os procedimentos metodológicos a serem desenvolvidos em conjunto com o facilitador desse processo de aprendizagem.

Esse procedimento de formação continuada dos professores da APAE-ES teve como tema central o desenvolvimento das relações com o espaço em três dimensões existencialistas: o corpo, a casa e a cidade. Para tal, o tema foi abordado a partir de uma estrutura metodológica maleável e não concebida como única ou como modelo, mas principalmente como experiência sensível do sujeito no mundo sensível – o que poderá ser transposto para a relação diária de trabalho de modo significativo. Para tal, partiu-se da própria *construção da cultura*: cultura pessoal e social; cultura e memória; e da noção de interculturalidade.

Em seguida, incluiu-se a noção de espaço. *Espaço e cultura*: espaço do corpo; o ver e ver-se (auto-retrato); noções do corpo no espaço; espelhamento: o outro no mundo. A partir dessa relação com o mundo, instituiu-se o *espaço da casa*; a casa como representação da sua casa (desenho); a casa tridimensional, maquete. O real e o imaginário se misturaram em busca de uma percepção sensível de si no contexto do corpo subjetivo e do corpo social.

Nessa etapa, partiu-se para a ampliação para a cidade. *Da casa à cidade*: Percursos pela cidade. O que da cidade? Estabeleceu-se uma proposta de percurso (mapa mental) da jornada diária de cada um daqueles alunos/professores no seu dia-a-dia na cidade. Como esse coletivo se constituía era o foco dessa etapa. Para tal, para os modos de relação com o espaço e a memória urbana, lançamos mão de Zora, de Ítalo Calvino em seu livro *Cidades Invisíveis*. Memória em construção, dinâmica rizomática em fuga do esquecimento. Assim, estruturou-se a última etapa: a *construção da cidade*: ma nova geografia, uma ampliação da percepção da cidade; a construção de objetos cujo

tema é a cultura material e imaterial de cidades de origem de cada participante (ES); assim, uma nova cidade – maquete coletiva dos mapas mentais e culturais.

O projeto: relato da experiência

O projeto de formação continuada em artes para professores, ligados às reflexões da inclusão social de portadores de necessidades especiais, tem sido uma meta do Laboratório de Estudos e ensino da Artes – LEENA/ UFES, e está em desenvolvimento desde 2005, numa ação dos professores do Centro de Artes, José Cirillo, Regina Rodrigues e Gorete Dadalto, em parceria com a Federação da APAES do Espírito Santo. Desde sua primeira fase, a proposta educativa em questão tem como meta a formação psicossocial do educador com um sujeito sensível e integrado com os saberes e fazeres da dinâmica do ensino-aprendizagem na educação básica. Seu alvo é a construção da percepção das interações entre identidade e cultura no ambiente escolar. Assim, as ações desenvolvidas buscam estabelecer as bases teóricas e práticas para a prática pedagógica centrada na constante reflexão entre construção da identidade do professor e dos alunos e suas práticas sociais cotidianas, tanto aquelas já constituídas na história social dos grupos, quanto aquelas em construção no cotidiano de práticas sociais integradas.

Deste modo, as ações propostas neste trabalho visam às relações espaciais, entendidas de modo amplo, e a cultura. O conceito de espaço aqui trabalhado tem como referência inicial o espaço do “eu”; o corpo que demarca a existência biopsicológica da identidade; locus inicial da percepção do mundo. Passa, também, pela noção da casa, locus do sujeito em interação com outros sujeitos na dimensão do conforto psicológico da noção de família. Essa noção inicial de espaço encontra-se plena na dimensão coletiva da organização da cidade; locus do social e das interações plenas com o outro.

Sendo assim, o projeto *A cidade e seus fluxos...* tem como tema o ESPAÇO – buscando interagir o conceito de lugar em suas múltiplas dimensões: a) o lugar do “eu”, da identidade, da eco-identidade; b) o lugar da casa, do eu-grupo, eu biosocial; e c) o lugar da cidade, do coletivo, do social, da esfera da cultura e de seus fluxos. É, então, um projeto de ação educativa que parte do local da percepção espacial do sujeito: seu corpo, sua morada e as interações geradas pela cidade.

O presente texto trata da apresentação dos resultados obtidos na ação educativa desenvolvida pelos Professores José Cirillo e Regina Rodrigues, em 2008, com um grupo de professores na sede da APAE de Venda Nova do Imigrante (ES); ação cujas metas foram alcançadas a partir do desenvolvimento de um trabalho norteado pelos seguintes objetivos gerais e específicos propostos

:dar continuidade ao processo de formação continuada proposto pelo grupo, e neste caso, centrado especificamente no ensino da arte; propor e avaliar as melhores estratégias para o desenvolvimento de atividades de arte educação com alunos da educação básica; disponibilizar aos professores de arte, ou não, de escolas do ensino regular ou de instituições de educação informal, curso de curta duração para instrumentalizá-los para o trabalho de artes centrado na valorização da cultura pessoal, local e nacional; identificar junto ao grupo como se dão as interações entre o campo da expressão verbal e da expressão visual; possibilitar o contato com o desenvolvimento de procedimentos técnicos e artísticos a partir das necessidades de cada participante e compartilhados em um processo de aprendizagem centrado no grupo.

O programa de formação continuada desenvolvida seguiu uma estrutura que buscou a melhor interação entre os alunos e a proposição metodológica proposta. Assim, cada etapa teve a seguinte tessitura: a) **A construção da cultura** - atividade de reflexão teórica e de fundamentação do conceito de cultura. A atividade desenvolveu os conceitos de cultura pessoal, social e das interações entre os sujeitos e os diferentes grupos social. Partiu-se do debate sobre o texto das irmãs Amala e Kamala e a noção de isolamento social. Fechando com a reflexão de que cultura é procedimento adquirido no convívio com o grupo, sendo este determinante das ações de cada indivíduo.

b) **Espaço e cultura : espaço do corpo** - a atividade iniciou-se na reflexão sobre as interações do espaço com a cultura a partir da noção de espaço de existência do indivíduo. Assim o lugar do corpo é o local da identidade. Para tal, a atividade foi dividida em etapas: a) a origem, significado e apreciação do nome de cada participante; b) o auto-retrato com espelho; e c) o mapa do corpo. *O nome: significado, apreciação e origem:* para essa etapa o grupo foi colocado em um grande círculo. Cada participante falou sobre o que sabia de seu próprio nome: como ele surgiu, que referências tinha desse nome, e quais as relações afetivas estabelecidas com seu próprio nome. Além dessa relação individual, cada um pode falar também de como os pais chegaram ao nome, o porquê da escolha. Foi interessante, e mesmo revelador, a dimensão como o grupo em questão se envolveu com a atividade, revelando fatos desconhecidos mesmo por colegas de trabalho. Essa etapa foi eminentemente verbal, nenhum tipo de registro escrito ou visual foi gerado. Porém, partimos do princípio de que o papel da memória de cada um e a do grupo foi fundamental para que todos pudessem perceber a importância do que estavam tornando coletivo.

O auto retrato com espelho: essa segunda etapa da atividade buscou uma outra reflexão da identidade de cada participante. Pensada a particularidade de cada nome, como este nome se encontra com a imagem do "eu"? No primeiro momento a proposta era se olhar, prestar a atenção a



Figura 1 – exercício de auto-retrato: representação por desenho da imagem do espelho

si-mesmo; se ver; se perceber. Olhar a si e representar-se. Como se ver? Como tentar representar a si-mesmo? Após algum tempo para olhar-se, cada um recebeu papel e caneta para desenhar-se. O objetivo do uso da caneta era impossibilitar que o erro fosse “apagado”, assim as linhas teriam que ser revistas, mas nunca esquecidas ou apagadas.

Terminados, os retratos foram colocados na parede em um grande painel para que todos pudessem ver e comentar a representação que cada um de sua própria imagem. Nos depoimentos ao logo das análises dos retratos realizados, alguns manifestaram uma certa decepção com a imagem construída de si mesmo, porém buscamos evidenciar que apesar do espelho, a imagem do desenho não tinha como meta ser uma fotografia de cada um, mas uma referência pra buscar se identificar, encontrar a particularidade de sua identidade. Essas reflexões fizeram com que fossem buscadas imagens de auto-retratos realizados por artistas a serem apresentadas na manhã seguinte. Assim, antes de iniciar as atividades previstas para o sábado, apresentamos ao grupo uma série de imagens de auto-retrato de artistas famosos de várias épocas e estilos artísticos; o objetivo era evidenciar que o auto-retrato não é necessariamente uma fotografia de si, mas evidenciar a particularidade, aquilo que é único em cada um.

O mapa do corpo - nesta fase deu-se continuidade ao espaço do “eu”, o corpo. Aqui, o exercício era compartilhado por um colega; com o auxílio de uma parceiro, cada participante recebeu uma grande folha de papel na qual se deveria fazer o contorno do corpo do colega, na posição que este determinasse. Uma vez recortadas, essas “peles” foram sendo reconstruídas para constituir uma outra imagem de si-mesmo. Essa reconstrução, feita pelo dono da corpo recortado, foi realizada de memória, nenhum artifício como espelhos ou fotografias foram usados. Apenas a imagem mental que cada um tinha de si, auxiliada pelo recorte do seu corpo.

Esse novo retrato, um mapa do corpo de cada um deles, foi posteriormente preenchido, expressão e vestimentas, por meio de técnicas escolhidas por cada um dos participantes. Após este processo, cada “boneco” pronto, retrato, foi colocado em um corredor, como que espectadores de si mesmo. O corpo real (do professor) e seu duplo (mapa do corpo) frente a frente.

Percebeu-se que nesta fase da atividade, embora não estivessem utilizando nenhum recurso para copiar a imagem de si-mesmo, todos os participantes do grupo tiveram mais facilidade em se representar a partir de um “contorno” de seu corpo. Esta observação foi amplamente debatida com o grupo. Forma apresentados partes dos retratos anteriores feitos com o uso do espelho, e agora somente com auxílio do “recorte”. Eles perceberam que a imagem mental resultante da memória que cada um tem de si, é mais útil na representação que a própria imagem do espelho. Considerou-se



Figura 2 – o corpo no espaço da escola: corredor povoado

juntamente com o grupo que o fato de ter-se uma espécie de mapa de si dado pelo recorte do corpo no papel, permite à memória lembrar-se da imagem que tem do próprio corpo que ocupa. Assim, pode-se perceber a importância do espaço do corpo para a construção da identidade de cada um.

Essa etapa foi reveladora dos mecanismos que se utiliza para a construção da imagem que cada um tem de si; de como representá-la; de como incorporar a um mapa do corpo a identidade, a personalidade que caracteriza a particularidade de cada um. Essa etapa permitiu uma maior reflexão sobre a identidade que cada um constrói para si.

Espaço da casa: – O que é prioritário?

A atividade inicial dessa etapa foi a representação do espaço do coletivo da família; o espaço primeiro do compartilhamento em grupo: a casa, espaço da segurança, do conforto e da tranquilidade do eu. Debateu-se um pouco o conceito de casa em Bachelard, no seu livro *Poéticas do Espaço*. Em seguida cada participante representou a imagem mental que tinha de seu primeiro desenho de casa. A etapa seguinte teve como meta a construção de uma maquete da própria casa; para tal, iniciou-se com a elaboração de uma planta baixa da casa de cada um deles.

A partir dessa imagem planar da organização interna do espaço da casa, cada um iniciou a construção em argila dessa residência que congrega o real e o imaginário. O procedimento inicial foi a transcrição da planta na folha de papel para uma superfície em argila (placa maleável). Essa experiência de construção se deu de diferentes maneiras em cada um dos participantes: alguns redesenharam a planta inteira na argila; outros iniciaram a construção direta, porém entre estes, alguns o fizeram de dentro para fora e outros de fora pra dentro.

Da casa à cidade: Percursos pela cidade

Tendo em vista que a etapa previa um caminhar pela cidade, o que foi realizada ao longo da semana, na atividade programada, conversou-se sobre a importância deste olhar para o local pelo qual passamos cotidianamente sem percebê-los devidamente. Debatesmos um pequeno trecho do Livro *O Olhar*, e discutimos a necessidade que olhar ativamente para o meio no qual vivemos, colocar intencionalidade em nossa percepção do que nos envolve. A partir disto, deu continuidade às atividades para a construção de uma nova proposta de percurso (um mapa mental) da cidade: entre a casa e o trabalho, entre a casa e o curso, enfim os fluxos de cada um pela cidade.



Figura 3 – maquete da cidade. Do mapa mental à cidade em busca das relações e fluxos



Figura 5 – maquete da cidade.

A seqüência da atividade determinou que, partindo dos percursos individuais (próprios mapas mentais de seu fluxo pela cidade) todos deveriam formar grupos e interagir os fluxos. Assim a idéia era que cada grupo pudesse reconstruir a cidade a partir da interação dos caminhos e necessidades de cada elemento do grupo: uma construção coletiva. Essa atividade estendeu-se por todo o sábado, sendo imprescindível para a finalização do curso e a compreensão das relações entre identidade, sujeito, cultura e os fluxos das cidades como fluxos interativos dos sujeitos que vivem e fazem a cidade, sua história e sua cultura.

As atividades que se seguiram foram resultantes dessa reflexão sobre os espaços interativos das cidades. Atividades anteriores, como a construção da maquete da casa de cada um passou a fazer parte integrante nessa nova geografia da cidade. Essa atividade propiciou não só a ampliação da percepção da cidade, mas, sobretudo a ampliação da dimensão da participação de cada sujeito, seu papel individual e coletivo. Evidenciando como a cultura material e imaterial de uma comunidade é fruto das reflexões e interações dos diferentes sujeitos que habitam essa geografia íntima que permeia as cidades. Essas maquetes de Venda Nova se constituem como construções que evidenciam o caráter coletivo da cidade, resultado de mapas e percursos dos diferentes atores sociais que vivem e constroem essa nova cidade.

As experiências compartilhadas nessas oficinas evidenciaram o grande potencial criador inerente a todos os sujeitos e, embora evidente. Muitos professores de artes, em particular os grupos de educadores que lidam com alunos portadores de necessidades especiais tem o hábito de seguir modelos previamente determinados que afastam-nos de nós mesmos e de nosso papel ativo na determinação do meio social. Compreender o corpo e o espaço, o corpo como espaço, o espaço como corpo é uma atitude transformadora capaz de inserir um novo fluxo no processo de ensino-aprendizagem na educação especial.

Destacamos, finalmente, que o trabalho continuado com esses professores ao longo desses anos vem evidenciado não só o papel transformador de uma ação educativa centrada na experiência do sujeito, mas principalmente da necessidade de um acompanhamento contínuo com os profissionais da educação; papel social que devem as universidades assumirem como política de responsabilidade social com seus egressos. Um novo fluxo educativo, numa nova perspectiva de engajamento dos profissionais da educação.

Bibliografia

COLOMBO, Fausto. Os Arquivos Imperfeitos. São Paulo ; Perspectiva. 1991

GÓES, Dilma. Dilma Góes: sua história e seu processo criativo. 2009. Entrevista concedida a Carla Viviane Roncarati, Vitória, 19 mai. 2009.

GRANDO, Ângela; CIRILLO, José (Org.). Arqueologias da Criação. Estudos sobre o processo de criação. Belo Horizonte: C/Arte. 2009.

SALLES, Cecília Almeida. Crítica Genética: uma (nova) introdução. São Paulo: Educ, 2000.

_____. Gesto inacabado: processo de criação artística. São Paulo: Fapesp/ Annablume, 1998.

_____. Crítica genética. Fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. São Paulo. Educ. 2008.

ZULAR, Roberto (Org.) Criação em processo: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Mini-currículo

Aparecido José Cirillo. É pesquisador e artista plástico, vinculado ao grupo de pesquisa em Processo de Criação do Programa de Mestrado em Artes da UFES. Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2004). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em processos criativos, Teorias e História da Arte. Desenvolve pesquisas sobre a Arte Contemporânea no Espírito Santo, com apoio da FAPES e do CNPq.

Maria Regina Rodrigues. Ceramista e pesquisadora, é professora do Centro de Artes da Universidade Federal do Espírito Santo.. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, desenvolve pesquisas sobre a cerâmica no Brasil e sobre cultura popular no Espírito Santo, com apoio da FAPES.

Rosa da Penha Ferreira da Costa. Pesquisadora e professora do Departamento de Arquivologia da UFES, graduada em Artes Plásticas e Arquivologia; pós-graduada em Gestão do Conhecimento. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da UFES.

INDIVÍDUOS
COLETIVOS
COMUNIDADES
REDES



VII SEMINÁRIO DO ENSINO DE ARTE DO ESTADO DE GOIÁS:
DESAFIOS E POSSIBILIDADES CONTEMPORÂNEAS E

CONFAEB
20 ANOS

24 A 27

NOVEMBRO - 2010
GOIÂNIA - GOIÁS

Apoio:



Fav
FACULDADE DE ARTES VISUAIS/UFV



ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO

Realizadores:





VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás:
Desafios e Possibilidades Contemporâneas e CONFAEB - 20 anos.

Anais do VII Seminário do Ensino de Arte do Estado de Goiás: Desafios e Possibilidades
Contemporâneas e CONFAEB - 20 anos., Goiânia, 24-27 de novembro de 2010.

ISBN: 978-85-87191-94-6 - Ano da publicação: 2010

